

## A expressão plástica da criança

Que é a pintura infantil?  
Qual deverá ser a atitude do adulto  
face à expressão livre da criança?

EURICO GONÇALVES (\*)

É a partir do conhecimento da criança que nós, os adultos, nomeadamente os pais, professores e educadores, podemos e devemos encontrar a atitude pedagógica mais adequada às diversas fases do seu desenvolvimento.

O conhecimento da criança baseia-se necessariamente, na observação do seu comportamento. A criança revela-se através do que faz, pelo que os seus desenhos, pinturas e objectos devem ser observados com seriedade e não com falsas apreciações ou exageradas manifestações de êxtase, decepção ou indiferença. Se, por um lado, a criança sente tristeza perante a indiferença do adulto, por outro lado, acaba por se tornar insensível ao aplauso sistemático. O que ela pede é que a tomem a sério. Para isso, é preciso saber ler ou entender a pintura infantil para que não se cometam erros, quantas vezes causadores de graves perturbações. Na maioria dos casos, a criança é vítima da intervenção desastrosa do adulto. O mundo plástico da criança é estruturalmente diferente do do adulto. Tem valores e leis particulares, características próprias, segundo as fases da sua evolução, desde a garatuja dos primeiros anos (2 anos)

ao desenho pré-figurativo (3-4 anos) e figurativo dos anos posteriores.

Aos 18 meses, a criança inicia a sua actividade gráfica: risca com o que encontra à mão (lápiz, giz, carvão, caneta de feltro, esferográfica) sobre qualquer superfície lisa ou áspera (parede, chão, papel, tampo da mesa). Até aos 2 anos e meio, traça rabiscos ou garatujas, movida pelos impulsos e segundo as suas possibilidades psico-motoras. A amplitude do traço, a força, a maior ou menor expansão vital, o vigor e a carga temperamental devem ser observadas nestas garatujas como forma de expressão gráfica de uma personalidade em formação.

Aos 3-4 anos, imita a escrita do adulto, fazendo traçados horizontais e paralelos, oscilantes e em ziguezague, da esquerda para a direita, querendo com isso transmitir algo, lendo ela própria o que escreveu ou pedindo às pessoas mais próximas que leia. O adulto deve entrar no jogo da criança para que ela não deixe de fazer este tipo de grafismo, excelente exercício para uma posterior iniciação à escrita.

No seu primeiro contacto com a pintura, pinta com os dedos molhados em tinta e não importa onde.

Pinta turbilhões ou aglomerados de cor sem se preocupar com a relação cromática,

(\*) Pintor e Crítico de Arte. Professor.

mas apenas movida pelo prazer de mexer em tintas com amplos movimentos do braço e antebraço, pelo que recorre também a grandes pincéis de pelo duro e a grandes folhas de papel. Curiosamente, o seu prazer de mexer na tinta e em outras matérias líquidas e viscosas não deixa de se relacionar com o prazer de mexer na urina e nas fezes, na chamada fase genital e anal, quando tinha 1 ano de idade, prazer esse posteriormente transferido para o prazer de mexer na água, na terra molhada, na areia húmida e no barro.

É aos 3-4 anos que se define a lateralização, ao pintar e ao desenhar predominantemente com uma das mãos (a direita ou a esquerda).

A medida que a mão adquire o controlo dos movimentos, o gesto torna-se mais lento e mais dominado.

Do emaranhado de linhas curvas e espiraladas da fase anterior surge a forma arredondada ou alongada, a primeira forma esquemática a partir da qual a criança vai elaborar o seu vocabulário figurativo, começando por representações simbólicas ou subjectivas, não facilmente identificáveis pelo adulto, cuja interpretação só a criança poderá fornecer naturalmente, sem que a forcemos a isso. É a fase pré-figurativa, durante a qual é frequente a criança falar enquanto desenha, pelo que o educador deve estar atento ao que ela diz, registando-o à margem, de modo a não perturbar a visão global da imagem gráfica. Passado algum tempo após a conclusão do desenho, a criança já não se lembra do que a motivou, pelo que será inútil perguntar-lhe o que pretendeu representar, além de criar uma situação falsa, à qual ela dará ou não uma resposta falsa, momentaneamente inventada para o efeito.

Aos 5 anos, a criança representa a figura humana com forma de girino ou cabeçudo, com um círculo e quatro segmentos. O círculo não representa apenas a cabeça, mas a cabeça e o tronco não diferenciados, den-

tro do qual são desenhados os olhos, a boca e o nariz. Os quatro segmentos representam os membros. Por vezes, indica o sexo com um ponto ou um pequeno traço entre as pernas. Aos 6 anos, representa a figura humana, traçando distintamente a cabeça, o tronco e os membros, além de certos pormenores característicos como os cabelos e os dedos das mãos e dos pés, utilizando ainda a linha simples.

Aos 7-8 anos, já é capaz de representar a figura humana mais completa, com a indicação de pormenores como as orelhas, as sobrancelhas, as pestanas, o pescoço e o vestuário, utilizando a linha simples e a linha dupla. Com a linha dupla sugere, por exemplo, a espessura dos membros.

Além da figura humana, a criança representa, desde os 5 anos, casas, árvores, caminhos, carros, animais, o sol, a lua, as estrelas, as nuvens, a chuva, etc. Desde muito cedo, a criança atribui vida a tudo, mesmo aos objectos inanimados, pelo que é natural que o seu mundo anímico se projecte nos seus desenhos e pinturas, onde ela humaniza o sol, os animais, as casas e as árvores, que aparecem aí com cara e figura de gente.

## O DESENHO INFANTIL É ESSENCIALMENTE IDEOGRÁFICO

Não devemos esquecer que o desenho infantil é essencialmente ideográfico, característica central da qual derivam outras como a *transparência* e o *rebatimento*.

O ideografismo consiste em representar mais o que a criança sabe ou a ideia que vai fazendo das coisas do que o que vê. Consequentemente, o céu, a terra e o mar são representados frequentemente (a partir dos 6 anos) por traços ou manchas horizontais, na parte superior e na parte inferior da página, porquanto a criança sabe que o céu fica em cima e que a terra e o mar ficam em baixo, havendo entre o céu e a terra

um espaço vazio que ela irá preencher com figuras complementares ligadas à sua própria experiência, que são, por assim dizer, os seus centros de interesse (casas, árvores, flores, animais, sol, estrelas, nuvens, chuva, aviões, helicópteros, automóveis, comboios, barcos, etc.). Com a prática continuada da pintura, é natural que a banda de terra suba progressivamente e a banda de céu desça até se encontrar na linha do horizonte. Mas a noção de linha do horizonte é raro verificar-se antes dos 9 anos de idade. A criança representa o que se passa dentro de casa, como se as paredes fossem *transparentes*, e também árvores *rebatidas* sobre as bermas dos caminhos, e não verticalmente, porquanto sabe que as árvores estão colocadas sobre os lados dos caminhos.

Também não é por acaso, ou por falta de jeito, que determinadas figuras são representadas em tamanho maior do que outras, desrespeitando, por assim dizer, uma escala de valores dita realista. A criança representa em tamanho maior as pessoas com quem tem maior relação afectiva. E não só as pessoas como também alguns animais e objectos, nomeadamente os brinquedos que mais estima. Devido a essa *perspectiva afectiva*, a mãe ocupa, frequentemente, um lugar primordial nos desenhos infantis.

## O TEMA REPETE-SE MAS A EXPRESSÃO EVOLUI

A criança representa, muitas vezes, árvores, casas, a figura humana, animais, o sol, as estrelas, as nuvens, as flores, automóveis, aviões ou barcos, para se exprimir. São sinais ou figuras esquemáticas de um vocabulário que aparecem em diversas fases da sua evolução. A repetição de um tema não significa falta de «ideias» ou de imaginação, mas algo que na criança está preso ao conteúdo psicológico desse tema, pelo que não poderá representar outra coisa enquanto não resolver esse conteúdo psicológico que cons-

titui o seu problema. É, portanto, inútil fazer com que desvie a atenção para novos temas enquanto não se libertar do seu tema, enquanto não o aprofundar e dominar suficientemente, enquanto não se realizar nele. O tema repete-se, mas a expressão muda e evolui; é a expressão que conta (de seus sentimentos, de suas ideias, do que a criança sabe das coisas).

A expressão é motivada pelo que mais a impressiona. Não admira, portanto, que, quando pega em pincéis e tintas, exprima com emoção não o tema propriamente dito, mas o que mais a impressiona e contribui para a sua maneira de ser e agir. É essa a sua forma de apreender o mundo que a rodeia e de intervir nele.

Muito concretamente, o tema da criança é ela própria.

Só quem nunca observou uma criança a pintar, inteiramente absorvida pelo que está fazendo, num profundo estado de concentração (e concentração intelectual acompanhada de prazer sensorial — eis o importante), só quem ainda não observou isso poderá pensar (e mal) que o acto de pintar é supérfluo.

## CUIDADO COM AS PERGUNTAS

Em face da espontaneidade, associada ao prazer de pintar, há perguntas que, em lugar de estimularem, paralisam e retardam a evolução plástica infantil.

«Que é que vais pintar?» «Que é que pintaste?» ou «Que representa o teu desenho?» são interrogações desse tipo que em nada simplificam, antes complicam, a tarefa educativa.

A necessidade de ter uma «ideia» ou um «assunto», antes de começar a pintar, deriva de um hábito que vem de outras disciplinas escolares, onde o assunto, previamente determinado, tem um valor absoluto, é a unidade de medida, é o denominador comum, em função do qual o trabalho do aluno é

medido, apreciado e corrigido. Ora, nas actividades espontâneas, como a pintura livre, o tema não é dado, nem imposto, nem necessariamente obrigatório, nem tão-pouco unidade de medida ou denominador comum para a apreciação do trabalho realizado. Esses limites condicionariam a própria liberdade de expressão, sendo esta faculdade que importa estimular e desenvolver. Assim, a criança é livre de escolher o seu tema e fá-lo naturalmente, visto que o tema está sempre nela (são as suas aspirações e preocupações predominantes), exprimindo-o lúdicamente, ao agrado da sua própria imaginação. Por vezes, um pormenor plástico (uma cor, uma linha) é pretexto para desenvolver uma pintura que acaba por narrar uma pequena história ou exprimir em imagem plástica um estado emocional de alegria, de tristeza, ou de serenidade.

## A EXPRESSÃO LIVRE DA CRIANÇA

Apontadas algumas características próprias do mundo plástico da criança, compete ao educador respeitar a sua evolução e criar condições para que ela se exprima livremente.

Precipitar a evolução da criança, tal a pressa de a transformar em adulto, é um dos erros mais frequentes com graves consequências. Deixemos a criança ser criança e deixemo-la crescer naturalmente.

Ela precisa de tempo e tem muitos anos à sua frente para amadurecer e tornar-se adulto. Desde que a deixem exprimir-se livremente, ela projecta-se no que faz com um tal grau de autenticidade que se auto-retrata, dá-se toda, torna-se transparente aos nossos olhos. Ser insensível a essa sua maneira espontânea de se manifestar, não respeitando sequer o auto-retrato que ela constantemente nos devolve na sua relação com o mundo, é não acreditar na criança, é pretender destruí-la e impedir que ela cresça e aprenda pelos seus próprios meios.

Quando a criança se exprime livremente, ninguém melhor do que ela pode responder pelo que faz, porque faz o que quer, e é, por conseguinte, a autora dos seus próprios actos, por aí desenvolvendo, além da auto-confiança, um elevado grau de responsabilização.

Se a criança se limita a fazer apenas o que a mandam fazer, ela não poderá responder inteiramente por isso, visto que isso é mais obra de quem manda do que de quem obedece. A educação que visa apenas transformar a criança num ser obediente, passivo e submisso, fica muito aquém daquela que estimula no educando a vontade própria, o poder de iniciativa e a criatividade.

Através da expressão livre, a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilidade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações.

É na base da autenticidade que é possível construir o diálogo com os outros. No diálogo, não só se confrontam ideias e aspirações como também se definem objectivos comuns.

Quando as crianças se conhecem suficientemente bem, o que é possível entre os alunos da mesma escola e da mesma turma com mais de dois anos de convívio continuado, estão em condições de realizarem pinturas colectivas e de planificarem trabalhos de equipa, distribuindo tarefas de acordo com as aptidões de cada um.

A criança torna-se, assim, um ser responsável, cooperante e interventivo no meio em que se insere.

## A CRIATIVIDADE APELA PARA UMA PEDAGOGIA NÃO DIRECTIVA

Durante muito tempo, a criatividade não foi considerada nas escolas, foi posta de la-

do, foi marginalizada, foi observada como actividade exclusiva de seres especialmente dotados ou privilegiados.

A escola de hoje procura estimular no aluno a criatividade, o prazer da descoberta, o espírito crítico e a capacidade de intervir pelos seus próprios meios, consoante as situações que se lhe deparam.

A criatividade desperta-se através do fazer, da experimentação constante. A criatividade apela para uma pedagogia não directiva, ou, pelo menos, flexível e aberta, que permita que seja a própria criança a descobrir o seu modo de agir e de se exprimir, bem como o material e a técnica que melhor se adaptam à sua expressão pessoal.

## RESUMO

*O autor dá-nos uma informação sucinta sobre a evolução gráfica da criança, apontando algumas características do desenho infantil como o ideografismo, a transparência, o rebatimento e a perspectiva afectiva.*

*É a partir deste conhecimento que, segundo o autor, nós, os adultos, podemos e devemos encontrar a atitude pedagógica mais adequada, face à expressão livre da criança. Atitude pedagógica que implica uma reflexão sobre:*

*— O sentido da expressão livre que revela o grau de autenticidade da criança, desblo-*

*quando-a e tornando-a mais comunicativa, auto-confiante, responsável, cooperante e interventiva.*

*— O tema que a criança espontaneamente e predominantemente representa e exprime-se através dele.*

*— A série de perguntas que, em lugar de estimularem, paralisam e retardam a evolução plástica infantil.*

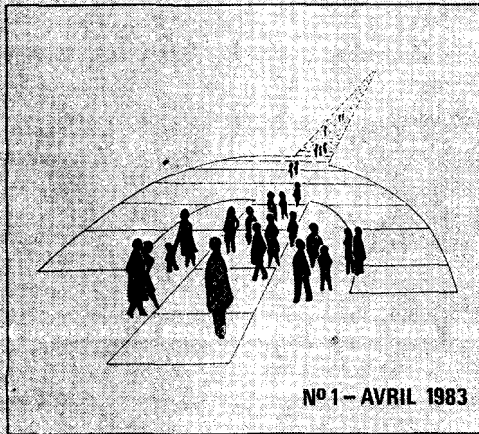
*— A criatividade na escola, despertada através do fazer e da experimentação constante, pelo que apela para uma pedagogia não directiva.*

## BIBLIOGRAFIA

- STERN, A., *Uma nova compreensão da arte infantil*, Livros Horizonte, Lisboa.
- STERN, A., *Aspectos e técnica da pintura de crianças*, Livros Horizonte, Lisboa.
- STERN, A. (1963), *Le langage plastique — étude des mécanismes de la création artistique de l'enfant*. Delachaux & Niestlé. Neuchâtel.
- GLOTON, R., CLERO, C. (1973), *A actividade criadora na criança*, Ed. Estampa, Lisboa.
- ABREU, R. (1960), *Em defesa do desenho expressivo da criança*, Edição do autor (distrib. Liv. Divulgação), Porto.
- CORREIA, L., *Garatujas*, Liv. Portugal (pref. Prof. Victor Fontes), Lisboa.
- GABEY, G., VIMENET, C. (1974), *A criança criadora*, Assírio & Alvim, Lisboa.
- GONÇALVES, E. (1977), *A pintura das crianças e nós — pais, professores e educadores*, Porto Editora/Fluminense, Porto.

# PERSPECTIVES

Revue sur les enjeux sociaux des pratiques psychologiques



Nº 1 - AVRIL 1983

Saiu, em Abril último, o n.º 1 de *Perspectives*, revista editada pelo ASBL *REVERS* (grupo de educação permanente de Liège) em colaboração com a Réseau International Alternative a la Psychiatrie e com o Centre Psychologie et Societé da Univ. de Lovaina.

O Comité de Redacção é constituído por A.-M. Daneau (assist. social), R. Franck (filósofo), J.-M. Lacrosse (psicossociólogo), M. Legrand, J. Nahl e A. Neybuch (psicólogos).

Para além da exposição das linhas mestras do seu projecto, este primeiro número contém os seguintes artigos: «Maladies mentales et pratiques psychiatriques» de M. Legrand, «Le malade mental: acteur ou victime?» de J. Nahl, «Vers une post-psychiatrie?» entrev. com R. Castel, um Manifesto da RIAP, «Psychiatrie: la difficile alternative» de D. Forys, «Analyse des centres P. M. S. dans leurs rapports avec les écoles», de J. Nizet, «Une evaluation de la psychologie scolaire» de J. Nizet, «La signification sociale de la psychologie» de R. Franck, e «Une nouvelle legislation pour les centres P. M. S.» de M. Legrand.